

Nesta edição

- UNIP expõe raridades da literatura
- **Presidente da OAB-SP fala sobre ética**
- Os Mais Admirados do Direito
- **A moda globalizada**
- Jornalistas debatem sobre *A hora da decisão*
- **A lei e a ética na reprodução humana**
- Projeto auxilia deficientes visuais e auditivos



UNIP expõe raridades da literatura

O projeto da Universidade Paulista Onda Cultural promove, desde 24 de outubro, a exposição *Coleção Guita e José Mindlin*, uma mostra de conteúdo histórico que proporcionará ao público o contato com imagens de livros ilustrados, manuscritos e impressos datados do século XV até os dias atuais.

O lançamento da exposição aconteceu em 23 de outubro, em um espaço artístico de rara beleza, no *campus* Paraíso da UNIP. Além de inúmeros convidados dos meios artístico, literário e acadêmico do País, estiveram presentes o reitor da Universidade Paulista, João Carlos Di Genio, membros da Diretoria, alunos, professores e coordenadores do curso de Letras.

A exposição, que é itinerante, com entrada gratuita e classificação livre, percorreu inicialmente os *campi* Paraíso e Cidade Universitária e passará ao *campus*

Indianópolis (de 4 a 16 de dezembro) e Norte (de 20 de fevereiro a 4 de março de 2007). O horário de visita é das 8h às 20h, de segunda a sábado.

O público poderá apreciar o *Libro de Horus* (século XV), um manuscrito em pergaminho, ilustrado à mão (1480), e três obras que fazem parte da história do livro: a primeira edição ilustrada de *Triunfos de Petrarca* (1488), de Francesco Petrarca; *O Sonho de Poliphilo* (1499), de Francesco Colonna; e *Crônica de Nuremberg* (1493), de Hortmann Schedell. Há também o livro *Fausto*, de Goethe (1828), ilustrado pelo pintor Eugène Delacroix; além de *Opere Del Divino Poeta Danthe* (1520), de Dante Alighieri. Da literatura brasileira, o público poderá conferir as imagens de *Amor, Amores* (1975), de Carlos Drummond de Andrade; *Menino do Engenho* (1959), de José Lins do Rego; *A Moreninha* (1845), de Joaquim Manuel de Macedo;

Romanceiro da Inconfidência (1956), de Cecília Meirelles; e muitas outras.

São verdadeiras jóias da literatura que, na exposição, aparecem sob a forma de páginas de rostos ou interiores de obras, mas que, somadas aos originais, vão enriquecer a maior biblioteca particular do País. Seu proprietário é José Mindlin: bibliófilo que, aos 92 anos, leva o mérito de abrigar em sua casa, em São Paulo, mais de 38 mil títulos catalogados da literatura universal e brasileira, sem contar com aqueles que ainda aguardam classificação.

Para a realização da exposição, a UNIP contou com a ostensiva colaboração de José Mindlin e da Fundação Cultural de Curitiba. Cristina Antunes foi a responsável pela seleção e organização das obras, as fotografias foram realizadas por Lúcia Loeb Mindlin e o projeto gráfico é de Rui Suttill. Na Universidade, a coordenação do projeto Onda Cultural é de Laura Ancona; a da exposição, de Rose Reis; e a coordenação técnica, de Pedro Frugoli.

José Ephim Mindlin e seu acervo

José Mindlin nasceu em 1914. É paulistano, descendente de russos, pai de quatro filhos e viúvo de Guita Kauffman, sua alma gêmea. Um outro amor – aos

livros – vem desde a infância, quando ouvia atentamente a leitura de obras infantis, feita em voz alta pela mãe. Em 1927, aos 13 anos, comprou o livro *O Discurso sobre a História Universal* (1740), de Jacques Bossuet, que o fascinou. Pouco tempo depois, o jovem encantou-se com *A História do Brasil*, de Frei Vicente de Salvador, e, de lá para cá, seu cérebro registra os assuntos de nada menos que oito mil livros.

José Ephim Mindlin, autor de *Uma Vida entre Livros – Reencontro com o Tempo, Memórias Esparsas de uma Biblioteca e Destaques da Biblioteca Indisciplinada de Guita e José Mindlin*, foi eleito, em 2006, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira 29, que já foi do escritor Josué Montello durante 52 anos, antecedido por Martins Pena. Além de aficcionado pela leitura e de gostar de escrever, Mindlin é também advogado e, como empresário, foi fundador da indústria Metal Leve e conselheiro da Fundação Vitae. Atuou como repórter na época da Revolução de 30, quando tinha apenas 16 anos e já falava fluentemente o inglês e o francês. “Eu transmitia mensagens em inglês para o chefe da Redação, no Rio de Janeiro, para driblar a censura telefônica, já que os censores não entendiam aquele idioma. Eu era um menino e tinha uma precocidade que desapareceu depois. Hoje, nem de longe tenho essa precocidade.”

Se é verdade ou modéstia, o fato não é relevante. O que pesa é que Ephim Mindlin, de maneira generosa e sensível, compartilha conhecimentos. Prova disso é que 18 mil títulos de sua biblioteca brasileira já foram doados. “Nossa biblioteca é uma importante fonte de pesquisa. Nós passamos, mas os livros ficam, e a biblioteca deve se manter unida, pois ela forma um conjunto indivisível.” ■



Da direita para a esquerda: o bibliófilo José Mindlin, o reitor da UNIP, João Carlos Di Genio, e convidados no lançamento da exposição; acima: a coordenadora do Projeto Onda Cultural, Laura Ancona

Gilmar Mendes: O Sistema Eleitoral Brasileiro

A palestra do ministro Gilmar Mendes, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), realizada no Teatro Paraíso da UNIP, abordou *O Sistema Eleitoral Brasileiro*.

Iniciando a palestra, Gilmar Mendes ressaltou a satisfação de falar sobre o tema dois dias antes do pleito eleitoral, que ocorreu no dia 1º de outubro.

“Desde a promulgação da Constituição de 1988, nós estamos a experimentar o mais longo período de normalidade constitucional na nossa vida republicana. Estes 18 anos representam muito, porque nossa história anterior é extremamente tumultuada, cheia de solavancos, de interrupções e de golpes. Na República Velha, nós tivemos governos inteiros que se deram sob o regime de estado de sítio, sem falar nas fraudes eleitorais que levaram à Revolução de 1930. Houve o interregno de 1930 a 1934, numa situação excepcional. De 1937 a 1945, o País viveu em total ditadura. Em 1946, uma nova Constituição foi escrita e, já em 1950, começaram os tumultos, numa tentativa de alteração da vida democrática. Em 1961, houve a renúncia de Jânio Quadros e a ascensão de Jango Goulart, com uma mudança abrupta na Constituição, de presidencialismo para parlamentarismo, porque essa era a condição para a posse de Jango”, relatou o ministro.

“Essa mudança rápida levou a um quadro de sucessivas crises. Num plebiscito, Jango conseguiu retornar ao presidencialismo e, em 1964, foi tirado do poder. A partir daí, sucessivas intervenções foram feitas na tentativa de redemocratização, até 1985. Uma história de traumas institucionais”, continuou.

“A partir de 1988, o Brasil vive essa estabilidade, mesmo sem estar dentro de

um quadro de tranqüilidade política, mas sim de crises econômicas, como o Plano Collor 1 – no qual a inflação mensal atingiu 84,32% –, o *impeachment* do presidente Collor, a crise na comissão do orçamento. Tudo sob a Constituição de 1988.”

De acordo com o palestrante, na gestão do presidente Lula, nós já estamos a completar três anos de crises graves, e tudo sendo tratado dentro dos marcos institucionais. “Nenhuma força política cogita romper esses marcos. Apesar das críticas e da atitude de inconformismo, revolta até, é preciso dizer que há uma luz no fim do túnel, porque essa Constituição tem sabido regular as nossas vidas e preservar os direitos e garantias fundamentais. É imprescindível, portanto, que nós tenhamos essa visão.”

Sobre o Sistema Eleitoral, Mendes explica que é usado o modelo presidencial, ou presidencial, porque, desde o fim da Ditadura, a grande bandeira era a Eleição Direta para Presidente, um dos suportes da campanha das Diretas Já, de acordo com a emenda de Dante de Oliveira.

O modelo presidencial permite eleições majoritárias. Se o candidato obtiver 50% mais um dos votos, poderá ser considerado eleito no primeiro turno; caso contrário, haverá o segundo turno. Esse caso se repete nos Estados e também nos municípios com mais de 200 mil eleitores.

O ministro afirmou que, para fortalecer as instituições, é importante a eleição democrática, das casas de representação popular. O modelo adotado para a Câmara dos Deputados é o voto proporcional, em que o partido indica seus candidatos e tem de ultrapassar o coeficiente eleitoral, que traduz o índice de votos a ser obtido para distribuição das vagas. É mediante a divisão de votos



Vice-presidente do Supremo Tribunal Federal, **Gilmar Mendes**

válidos pelos lugares a preencher na Câmara dos Deputados, nas Assembléias Legislativas ou nas Câmaras de Vereadores que se chega ao quociente eleitoral, obrigando-nos a desenvolver o conceito do quociente partidário, que indica o número de vagas obtido pelo partido e é calculado pela divisão do número de votos conferidos ao partido pelo número de vagas em disputa.

Qual é o problema que esse modelo suscita? De acordo com Mendes, o partido elege tantos deputados quantos forem aqueles que lograram obter o quociente eleitoral, a média estabelecida. E quais são os eleitos? Os eleitos são os candidatos do partido que obtiveram o maior número de votos. Por isso, diz-se que esse é um modelo de lista aberta. O partido apresenta a lista e os mais votados se elegem, donde se conclui que os adversários são os

próprios colegas. Os dois únicos países que têm listas abertas são Brasil e Finlândia.

O Sistema Eleitoral Brasileiro está em discussão para uma possível reforma. Os itens focados são: listas fechadas, em que o eleitor vota nos candidatos dessa lista; financiamento partidário, considerado o foco da corrupção eleitoral; financiamento público de campanha; modelo distrital típico e modelo misto (usado na Alemanha, compreende lista fechada, proporcional, mais voto distrital, majoritário).

A proposta que está no Congresso e que vem sendo objeto de discussão terá reforma profunda e não será apenas uma emenda constitucional: ela é um projeto de lei, reforma os partidos, dá nova redação ao Código Eleitoral e pretende adotar o modelo de lista fechada. “Tal proposta vai envolver sérias reflexões, porque é uma mudança radical”, disse o ministro. ■

Presidente da OAB-SP fala sobre ética

A Universidade Paulista, em mais uma edição do seu Congresso Brasileiro de Atualização Profissional, brindou seus alunos com a presença de Luiz Flávio Borges D'Urso, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – Seção de São Paulo, que palestrou sobre *Ética Profissional e Prerrogativa do Advogado*. O evento aconteceu no Teatro Paraíso da UNIP e foi transmitido pela TV Web da instituição, viabilizando que estudantes de todos os *campi* e internautas em geral acompanhassem o palestrante e interagissem em tempo real.

Em tempos nos quais o significado da palavra ética ganha lugar de destaque na mídia e nos vocabulários popular, acadêmico, jurídico, empresarial e político da nação brasileira, é missão

de notória
responsabilidade
para um
tribuna
explicar
sobre o
assunto.



Jurista Luiz Flávio Borges D'Urso

Consoante com essa premissa, o presidente da OAB-SP reforçou a importância das relações éticas no atual momento de crise pelo qual passam algumas instituições nacionais. Ele frisou que a ética profissional e as prerrogativas da advocacia são valores de suma importância para quem a exerce e que precisam ser abordadas no meio universitário, a fim de que os valores nela embutidos possam ser cristalizados em cada cidadão.

Segundo D'Urso, só no Estado de São Paulo, há 250 mil profissionais de advocacia que, por ilibada conduta, seguem os ideais maiores de justiça, liberdade e igualdade. Entretanto, como em todas as outras profissões, há as exceções e, no Direito, elas se constituem em 0,01% dos profissionais da área. São aqueles que, com as próprias palavras do palestrante, resolveram deixar de ser advogados para tornarem-se criminosos. “Na nossa corporação, temos um Tribunal de Ética e a disciplina da OAB que, com isenção, julga os advogados e advogadas que a eles são submetidos, observando-se os

princípios constitucionais, como o da Ampla Defesa, o Contraditório e o Processo Legal.

Após o julgamento, à luz do Código de Ética da Ordem, preservamos quem precisa ser preservado e punimos quem precisa ser punido,

com penas de censura a expulsão dos nossos quadros”, explica.

O Código de Ética da OAB prevê, entre outros pontos, que o exercício da advocacia exige conduta compatível com os preceitos ali estabelecidos, assim como com o Estatuto do Advogado, com o Regulamento Geral, com os Provimentos e com princípios da moral individual, social e profissional.

Prerrogativas do advogado...

Enquanto a ética é condição fundamental para o bem-estar da sociedade e a verdade na dialética processual é passível de antagonismo com a verdade do outro, os direitos dos advogados (prerrogativas), estabelecidos em seu Estatuto (Lei 8.906, Art. 7º), são garantias para o pleno exercício da profissão em defesa do cidadão. Como enfatiza Luiz Flávio Borges D'Urso, as prerrogativas garantem a atuação digna do advogado, abrindo caminho, por exemplo, para que ele tenha acesso às provas incriminatórias a seus clientes, para que o Contraditório previsto na Constituição possa existir.

São os advogados, embasados nesses direitos previstos em seu Estatuto, que se tornam guardiões, conhecedores das leis, para a defesa dos direitos dos cidadãos. “O preso, por exemplo, tem direito de saber quem está lhe prendendo, tem direito a avisar sua família, de ter um advogado, de se calar, mecanismos estes de proteção ao cidadão para equilibrar a relação entre Estado todo-poderoso e cidadão fragilizado.”

Segundo D'Urso, apesar de a Lei garantir os vários direitos do

“Após o julgamento, à luz do Código de Ética da Ordem, preservamos quem precisa ser preservado e punimos quem precisa ser punido, com penas de censura a expulsão dos nossos quadros.”

advogado, mesmo em baixa escala, ainda persistem violações dessas prerrogativas. Há juízes que não permitem ao advogado ver o processo de seu cliente e que também não atendem advogados; há autoridades policiais que impedem o advogado de ter contato com o preso e com os laudos do inquérito, há promotores que fazem investigações sem base na Lei. “Ninguém quer impunidade ao advogado, e a OAB é a primeira a não compactuar com desvio de comportamento e conduta; por isso mesmo que, no ano passado, expulsou 14 membros e, neste ano, só no primeiro semestre, sete – mas entre 250 mil, reitero, são exceções. O Tribunal de Ética funciona em defesa da advocacia e das prerrogativas profissionais, em defesa do nosso exercício no interesse do cidadão.” ■

Os Mais Admirados do Direito

O Teatro Paraíso da Universidade Paulista foi palco da primeira edição da premiação Os Mais Admirados do Direito – 2006, após uma pesquisa da Revista Análise Advocacia.

O Prêmio Análise Advocacia, o primeiro no gênero, contou com a presença do governador de São Paulo, Cláudio Lembo; do Dr. João Carlos Di Genio, reitor da UNIP; dos ministros do STF Gilmar Mendes e Sydney Sanches; além de representantes de várias entidades da área jurídica, dos premiados e de convidados. O evento iniciou-se com o governador Cláudio Lembo entregando os troféus aos melhores escritórios: da região Sul, Martinelli Advocacia Empresarial; da Sudeste, Azevedo Sette; das regiões Norte e Nordeste, Martorelli e Gouveia; e da Centro-Oeste, Arthur de Castilho Neto e Oscar de Moraes.

No campo Ambiental, os premiados são: Adriana Mathias Batista, Antônio José L. C. Monteiro, David Antônio M. Waltenberg, Edis Milaré, Fernando de Faria Tabet, Gláucia Savin, Kazuo Watanabe, Luis Fernando Henry Sant'Anna, Oscar Graça Couto, Ricardo Carneiro, Rodrigo Sales, Sílvia Zeigler, Svetlana Maria de Miranda, Werner Grau Neto e William Eduardo Freire.

Os laureados da área Cível são: Ana Tereza Palhares Basílio, Aristóteles Dutra de A. Atheniense, Cândido Rangel Dinamarco, Celso Cintra Mori, Fernando Eduardo Serec, Humberto Theodoro Júnior, Paulo Guilherme de M. Lopes, Ricardo Tepedino, Sérgio Bermudes e Silvana B. de Campos.

Na categoria Comércio Internacional, foram premiados: Alberto Xavier, Carlos Alberto Moreira Lima Júnior, Domício dos Santos Neto, Luis Olavo Baptista, Moshe B. Sendacz, Nei Schilling Zelmanovits, Oswaldo Leite de Moraes Filho, Paulo



Governador **Cláudio Lembo** e premiados dos melhores escritórios

Borba Casella, Syllas Tozzini e Valdo Cestari de Rizzo.

O ministro Sydney Sanches foi chamado para entregar os troféus da categoria Consumidor para: Ada Pellegrini Grinover, Arystóbulo Oliveira Freitas, Fabiani Turisco, Fernando Eduardo Serec, Francisco Antônio Fragata Júnior, Kazuo Watanabe, Luis Gustavo A. S. Bichara, Maximilian Fierro Paschoal e Paulo Guilherme de M. Lopes.

Em Contratos Comerciais, foram chamados: Antônio Correa Meyer, Antônio Luis de M. Ferreira, Carlos A. Hauer de Oliveira, Cláudio Oliveira Mattos, Cristiane Cordeiro, Frederico Gabrich, João Francisco Regos, Marcelo P. Fortes de Cerqueira, Maria Cristina Machado Cortez, Paulo G. de Mendonça Lopes, Plínio Simões Barbosa, Raphael de Cunto, Rodrigo Muzzi e Syllas Tozzini.

Na categoria Infra-Estrutura e Regulatório, foram premiados os advogados Alexandre Santos de Aragão, André Serrão, Antônio Luis de Miranda Ferreira, Arnoldo Wald, Bolívar Moura Rocha, Carlos Ari Sundfeld, David Waltenberg, Fernando

Alves Meira, Floriano Azevedo Marques Neto, Lauro Celidonio Gomes dos Reis Neto, Paulo César Ruzisca Vaz, Pedro Estevam Serrano, Regina Ribeiro do Vale, Tércio Sampaio Ferraz, Vicente Nogueira e Zanon de Paula Barros.

Em Operações Financeiras, destacaram-se: Antônio Felix de Araújo Cintra, Antônio Mendes, Ary Oswaldo Matos Filho, Francisco A. Maciel Müssnich, José Roberto Opice, Luis Gustavo A. S. Bichara, Luis Roberto de Assis, Paulo César Aragão, Roberto Quiroga Mosquera e Vinícius Branco.

Em Propriedade Intelectual, foram chamados: Antônio Ferro Ricci, Clóvis Vassimon Júnior, Gabriel Francisco Leonardos, Gustavo de Freitas Moraes, José Eduardo Campos Vieira, José R. D'Afonseca Gusmão, Juliana Viegas, Luis Henrique O. do Amaral, Marcos Alberto Sant'Anna Bitelli, Peter Dirk Siemsen e Ricardo P. Vieira de Mello.

Na categoria Societário, os mais citados foram Altamiro Boscoli, Antônio Correa Meyer, Antônio Mendes, Eduardo Salomão Neto, Francisco A. Maciel Müssnich, José

Roberto Opice, Maria Cristina Cescon Avedissian, Maria Lúcia de A. Prado e Silva, Modesto Carvalhosa e Paulo César Aragão.

Os agraciados da área Trabalhista são: Amauri Mascaro Nascimento, Antônio Carlos Vianna de Barros, Arnaldo Pipek, Cássio de M. Barros Júnior, Drausio Aparecido Rangel, Luciana Arduin Fonseca, Luis Carlos Amorim Robortella, Roberto Biondo, Stephan Eduardo Schneebeil e Vilma Toshie Kutomi.

Na categoria Tributários, são eles: Alberto Xavier, Hamilton Dias de Souza, Ives Gandra da Silva Martins, Júlio M. de Oliveira, Leo Krakowiak, Luis Gustavo A. S. Bichara, Paulo Rogério Sehn, Roberto Quiroga Mosquera, Rubens José Novakoski F. Vellozo e Sacha Calmon Navarro Coelho.

Dentre os escritórios de advocacia, destacaram-se na categoria Ambiental: Milaré Advogados; Pinheiro Neto; e Trench, Rossi e Watanabe. Na categoria Cível, foram premiados: Demarest & Almeida; Leite, Tosto e Barros; e Pinheiro Neto. Na área de Comércio Internacional, foram laureados Machado, Meyer; Pinheiro Neto; e Trench, Rossi e Watanabe.

Na categoria Consumidor, os melhores foram: Machado, Meyer; Pinheiro Neto; e Tozzini, Freire. Em Contratos Comerciais e Infra-Estrutura e Regulatório, os vencedores foram Machado, Meyer; Pinheiro Neto; e Trench, Rossi e Watanabe. Na área Operações Financeiras, Machado, Meyer; Mattos Filho; e Pinheiro Neto. Em Propriedade Intelectual foram premiados Dannemann Siemsen; Gusmão & Labruno; e Monsen, Leonardos. Na categoria Societário, Barbosa, Müssnich & Aragão; Machado, Meyer; e Pinheiro Neto. Na Trabalhista, Demarest & Almeida; Leite, Tosto e Barros; e Mascaro e Nascimento. No Tributário, Machado, Meyer; Mattos Filho; e Pinheiro Neto. ■

A moda globalizada



Jornalista Glória Kalil

“A moda deixou de ser única e passou a ser múltipla, porque cada tribo tem a sua oferta de moda diferente. Hoje, a moda expressa a nossa personalidade.”

Moda é um assunto ligado a comportamento. Muito além da vestimenta, ela é, segundo o filósofo Gilles Lipovetsky, um sistema de renovação permanente, que faz com que a nossa economia funcione.

Para falar sobre a moda no Brasil, a jornalista Glória Kalil compareceu ao teatro do *campus* Paraíso para proferir a palestra *A moda brasileira – onde está, para onde vai?*

Paulistana, Glória Kalil começou a trabalhar no mercado de moda em 1969, quando inaugurou o Departamento de Moda da Editora Abril. De lá para cá, tornou-se empresária, consultora de moda, estilo e comportamento, além de realizar projetos pessoais como vídeos, planos de *marketing* para lojas de varejo e assessorias para indústrias e organizações institucionais.

Articulista, ela também encontra tempo para escrever, colabora com matérias de moda para a imprensa escrita, além de ser sempre consultada por outras mídias, como televisão e rádio. Em 1996, com o livro *Chic – Um Guia Básico de Moda e Estilo*, ela inaugurou um nicho no mercado editorial, consolidado um ano e meio depois com *Chic Homem – Manual de Moda e Estilo*, obras que continuam sendo grandes sucessos editoriais.

Glória Kalil iniciou a palestra enfatizando a importância da moda na atualidade: “As pessoas não se dão conta da complexidade de um trabalho de moda nos dias de hoje. A moda é um trabalho que vive de criação, mudanças, inovações permanentes, fabricação, vendas, distribuição e comunicação, em um ritmo que nenhum outro trabalho possui. E agora, com mais uma variante altamente

desafiadora, que é o mundo globalizado”.

Segundo a palestrante, ao contrário do que se imaginava, a globalização, em vez de dar uniformidade à moda, deu individualidade. “A moda deixou de ser única e passou a ser múltipla, porque cada tribo tem a sua oferta de moda diferente. Hoje, a moda expressa a nossa personalidade.”

E como fica a moda no Brasil?

Para Glória, a moda no Brasil é retumbante e possui um espaço na mídia que poucos lugares do mundo oferecem. Nem mesmo a França, que tem essa indústria como uma das maiores fontes de renda, proporciona à moda tanto espaço quanto ao que ela possui em nosso País.

Tal destaque na mídia pode dar a entender que a moda brasileira vai muito bem. Mas será que é verdade?

De acordo com a palestrante, temos de lembrar que a moda não é a “ilha da fantasia”, e sim uma indústria como outra qualquer do País, que também passa por dificuldade com a situação econômica. “A moda brasileira tem muita visibilidade, mas pouca venda. Apesar de todo o encantamento, o povo brasileiro está com seu poder de consumo reduzido. O mercado interno foi encolhendo nesses últimos anos devido à falta de crescimento do País, e o dinheiro das pessoas, hoje, tem uma aplicação que não é, automaticamente, gastar com moda.”

Buscar mercados compradores, sair para o mundo e entrar na globalização é a solução apontada pela consultora. “Nós não temos, no exterior, uma presença maciça e forte como os japoneses ou os belgas. Precisamos nos aproximar do resto do mundo, inteirar-nos das exigências de qualidade, de volume e de preços com que o

mercado internacional trabalha”, afirma.

Ao criar um produto, é preciso levar em conta o mercado internacional. Lembrando que, hoje em dia, não existem mais fronteiras, os produtos são criados para o mundo. O que não quer dizer que eles não tenham especificidade para diferenciá-los dos demais. “O brasileiro tem um estilo próprio. Nós sabemos fazer uma espécie de antropofagia cultural, em que absorvemos o que vemos na moda internacional, interiorizamos e devolvemos com a nossa interpretação, que traduz a nossa cara.”

No que diz respeito ao mercado internacional, Glória cita o presidente da Federação Francesa da Costura, Didier Grumbach, que, em um evento organizado por ela, em abril deste ano, afirmou que “o Brasil tem a sorte de ser um país simpático para o mundo”. “Já que temos um ‘país simpático’, temos de pensar em um produto para o mundo, não podemos mais trabalhar pensando somente no mercado brasileiro, devemos ter em mente que exportar para o mundo globalizado é diferente de apenas exportar”, completa a especialista.

Aos alunos do curso, Glória aconselhou persistência e alertou ainda sobre a importância da conscientização de que o setor precisa aprender a trabalhar com associações entre empresas e instituições. “Nós temos de trabalhar com associações e levar em conta que existem instituições que nos ajudam a desenvolver esse trabalho. O setor tem de se unir e se organizar para fazer demandas específicas, ou não funciona. A partir dos anos 90, entramos em um novo mundo, e vocês estão começando nele. Por isso, façam parte dessa novidade. Sejam modernos. Abram-se para essas perspectivas.” ■

Jornalistas debatem sobre *A hora da decisão*

Os jornalistas William Waack e Cristiana Lobo participaram do Congresso Brasileiro de Atualização Profissional – 2006, realizado no dia 24 de outubro, abordando o tema *A hora da decisão*, no Teatro do *campus* Paraíso.

A mesa foi composta pelos jornalistas convidados, pela professora Mariza Regina Paixão, representando o Instituto de Ciências Sociais e Comunicação, e, coordenando os trabalhos, Fernando Perillo. O reitor João Carlos Di Genio escreveu um texto sobre os palestrantes que foi lido pelo professor Perillo:

“Cristiana Lobo e William Waack são dois brilhantes jornalistas da imprensa brasileira; ambos têm a missão de passar à opinião pública informações precisas e qualificadas. A missão de informar é tão essencial na sociedade livre que, sem ela, é difícil dizer que exista democracia. Mesmo com a imprensa livre, como é o caso da imprensa brasileira, a qualidade da nossa vida democrática ainda não está garantida, porque ela vai depender da qualidade da informação que circula no País. Informação de qualidade é produto do trabalho de jornalistas de qualidade. Ou seja, jornalistas de destacada capacidade intelectual, ampla formação cultural e, necessariamente, elevada postura ética. (...) Cristiana Lobo e William Waack são dois desses jornalistas que integram a elite responsável pela qualidade de informação que defendemos.”

Cristiana Lobo é uma das faces mais conhecidas entre os jornalistas e repórteres políticos da TV brasileira e uma das colunistas políticas mais lidas e apreciadas. Trata-se de uma jornalista bem informada sobre o centro político

da vida brasileira, que ela freqüenta com familiaridade, liberdade e independência.

William Waack é outra grande figura de nossa imprensa. Profissional altamente dotado de uma vida intelectual e amplamente preparado do ponto de vista cultural, formou-se em Jornalismo na USP e, depois, cursou Ciência Política na Universidade de Mains, na Alemanha. Por 21 anos, trabalhou como correspondente de publicações brasileiras na Alemanha, Inglaterra, Rússia e Oriente Médio. Cobriu acontecimentos importantes dessas últimas décadas: a Guerra Fria, a Revolução do Irã, a Queda do Muro de Berlim, a desintegração da União Soviética e os estertores do mundo socialista, a Guerra do Golfo e mais outros sete conflitos armados no Oriente Médio e nos Bálcãs. Desde o ano 2000, William Waack está no Brasil. Ultimamente, seu trabalho tem se voltado para a cobertura das crises sul-americanas, como a da Colômbia e da Argentina, e também de assuntos internos do País, produzindo brilhantes reportagens sobre importantes assuntos nacionais, como privatização, pirataria e corrupção policial.

Na palestra, Cristiana Lobo apontou que é importante analisar por que as eleições foram para o segundo turno, quando pareciam já estar definidas. Ela considera que o eleitor quis o segundo turno possivelmente por duas razões: o escândalo do dossiê e a ausência de Lula no debate político.

A jornalista disse que percebeu o acirramento dos ânimos da população por meio do seu *blog* no *site* Globo.com. “A gente percebeu a força do Alckmin no fim do 1º turno e depois a queda dele. E a força do presidente Lula pelo volume de comentários dos internautas. É uma

coisa impressionante. Chego a receber 200 ou 300 comentários sobre aquilo que escrevo.”

Para o jornalista William Waack, o Brasil é um país sem governo e sem oposição. “Não quero atribuir apenas a Lula e às forças que ele representa as coisas erradas. Distribuo esse tipo de crítica à oposição também. É kafkaniano o debate eleitoral nesses últimos tempos. Estamos discutindo o que não interessa e deixando de lado todas as questões vitais, particularmente para a geração de vocês, alunos.”

Segundo Waack, tanto o governo como a oposição não se mostram interessados ou intencionados em fazer um debate sério para promover a Reforma Tributária, Eleitoral, Política, Trabalhista, etc. O jornalista tentou equacionar o que é o caráter nacional do brasileiro ou a psicologia coletiva do brasileiro, algo que é subjetivo, “mas, este momento que estamos vivendo, vamos nos lembrar por muitos anos, porque é

um clima político, é uma atmosfera numa sociedade”.

Para o palestrante, é um equívoco “achar que assistencialismo social é distribuição de renda. Ele está espalhado nos dois lados e ninguém teve coragem de dizer que Bolsa Família não tira ninguém da miséria”.

Ele ainda afirmou: “Nós não somos capazes de reelaborar, no texto da Constituição de 1988, aqueles entraves que vão prejudicar principalmente a geração de vocês, alunos. O que existe de entrave não está sendo tratado por nenhum dos lados da campanha eleitoral. São campanhas que se dedicaram a aumentar o número de votos dizendo aquilo que eles acham que o povo gostaria de ouvir e nada daquilo que precisaria ser dito”.

Na ocasião, foi lembrado, por Fernando Perillo, o aniversário de morte do jornalista Wladimir Herzog, assassinado no dia 25 de outubro de 1975 nas prisões da ditadura militar. ■



Jornalistas **Cristiana Lobo** e **William Waack**

A lei e a ética na reprodução humana

Para debater o tema *A lei e a ética na reprodução humana*, o jurista e ex-ministro Nelson Jobim e o médico especialista em Reprodução Humana Roger Abdelmassih participaram de uma palestra no Teatro Paraíso da UNIP. Fizeram parte ainda da mesa de trabalho o reitor da UNIP, doutor João Carlos Di Genio; o jornalista da Folha de S. Paulo Marcelo Leite; e a juíza de Direito doutora Débora Cioci.

Ex-ministro expõe sua tese...

“A ética e a vida sempre andaram juntas na filosofia tradicional, como se o ato de defender a vida fosse um ato de sustentação moral, como se fossem dois movimentos sempre no mesmo sentido. Esse foi o pensamento vigente pelo menos até Nietzsche colocar a inquietante problemática da possível oposição entre a defesa da vida e o ato de sustentação moral”, iniciou Jobim.

“A ética, para Nietzsche, teria sido

historicamente um movimento contrário à vida, um movimento perigoso para seu pleno desenvolvimento. Na bioética contemporânea, há quatro bases opostas a Nietzsche; na verdade, a bioética é influenciada pelo comportamento cristão, que o filósofo atacava expressivamente. O próprio termo bioética já procura o entrosamento interno entre a ética e a vida”, continuou.

Segundo Nelson Jobim, a bioética preocupa-se com compatibilidade entre notas morais e o desenvolvimento da vida, que engloba o nascimento, o crescimento e a morte, não só de vidas humanas, mas de plantas e animais e do meio ambiente em geral. Para avaliar juridicamente a ética de experiências científicas, como as reprodutivas, devem-se levar em conta seis questões:

- 1) Qual ação se realizará?
- 2) Quais são os objetivos de tal ação?
- 3) Quais são os procedimentos

técnicos para realizar tal conduta?

4) Quem vai realizá-la?

5) Para quem e sobre quem vai ser praticada?

6) Quem fiscaliza?

“A idéia central é de que pode existir uma avaliação ético-jurídica em cada um desses níveis, ou seja, estou sustentando que nós podemos discutir ética e, juridicamente, cada um dos seis níveis do problema. No entanto, eles não podem ser confundidos, devem ser tratados separadamente e em seqüência”, disse o ex-ministro.

Podemos considerar as perguntas de um a cinco como um conjunto básico de questões pertinentes de um teste ético para avaliar ações humanas, como as práticas genéticas. Note-se que essas questões respondem a uma seqüência bastante rígida e não estão colocadas de forma aleatória. É uma ordem necessária. Somente após responder à primeira pergunta de forma positiva, pode-se partir para a segunda. E assim sucessivamente.

Doutor Roger fala sobre reprodução assistida

Roger Abdelmassih iniciou sua palestra afirmando: “A ciência tem de seguir a lei e a ética, porém, ao longo do tempo, a ciência acaba por ter de modificar muitas das leis, e a ética passa a ser entendida de outra forma”.

O médico explicou que reprodução assistida é um conjunto de técnicas e procedimentos clínicos e laboratoriais que são utilizados nos casos de infertilidade e que o objetivo único é fazer acontecer o nascimento de um filho para aquele casal que não pode concebê-lo de maneira natural. No mundo, 20% da população de casais sofre com a infertilidade, ou seja, em cada dez casais constituídos, dois terão

dificuldades em ter um filho.

Segundo o palestrante, no Brasil, é feito pouco sobre a reprodução assistida, porque não há sensibilidade política para dar condições a casais carentes de fazer o tratamento.

Desde que nasceu o primeiro bebê de proveta, na Inglaterra, em 1978, a ciência tem se visto diante de diversas questões éticas e jurídicas, como o direito de se constituir família, a manipulação de células-tronco, a clonagem terapêutica e reprodutiva, a escolha de sexo, a doação de óvulos e embriões.

Um dos maiores problemas da área, atualmente, refere-se ao descarte de embriões congelados.

De acordo com o Dr. Roger, para os cientistas, o embrião é um conjunto de células vivas, mas não é vida. Já a Igreja Católica entende que embrião é vida desde o seu início e, portanto, possuidor de uma alma. Mas, no caso de um embrião formado dentro do útero dividir-se em dois (para formar gêmeos), o que acontecerá com a alma? Devido a essa divergência, o descarte de embriões gera tanta polêmica entre cientistas e religiosos.

Segundo o palestrante, não existem, no País, leis para a reprodução assistida. O que há é uma normatização ética feita pelo Conselho Federal de Medicina em 1992 e a Lei de Biossegurança, em trâmite desde 1995, a qual estabelece normas de uso de técnicas de engenharia genética e criminaliza a manipulação de gametas humanos para impedir a clonagem.

No encerramento do evento, o jornalista Marcelo Leite propôs a formação de uma agência para regulamentar a ciência da fertilização e da embriologia, a fim de permitir pesquisas com células-tronco. ■



Médico especialista **Roger Abdelmassih** e ex-ministro **Nelson Jobim**

Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo: uma utopia?

Convidado pela UNIP para participar do Congresso Brasileiro de Atualização Profissional – 2006, o arquiteto Gian Carlo Gasperini discorreu sobre o tema *Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo: uma utopia?*, no Teatro do *campus* Paraíso, lotado de alunos de Arquitetura dos *campi* Norte, Sorocaba, Campinas, Bauru, Alphaville, São José dos Campos e Indianópolis. A coordenadora do curso, Ana Elena Salvi, fez a apresentação do palestrante.

Gasperini é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e sócio-diretor da Aflalo-Gasperini Arquitetos, tendo realizado, entre outras, as seguintes obras: Edifício Tower, Parque da Juventude, ATL Hall, Teatro Abril (antigo Cine Paramount), Auditório Campos do Jordão, Colégio Visconde de Porto Seguro, Escola Caetano de Campos, City Corp e Edifício IBM.

O arquiteto iniciou sua apresentação explicando o título da palestra: “Eu coloquei Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo, mas adicionei dois-pontos uma utopia. Por quê? Porque eu acho que nós estamos procurando caminhos de qualquer disciplina, nós estamos enfrentando um momento crítico do planeta Terra. Quero apontar que não somos imunes aos problemas que estão ocorrendo no mundo inteiro. E um dos problemas mais graves é o energético”.

Segundo Gasperini, a cidade e sua conseqüente crise urbana levam-nos a discutir as diretrizes para resolver problemas que estão na boca de todos. As considerações básicas resumem-se na

constatação de que o mundo contemporâneo está assentado nas áreas urbanizadas. O comportamento humano está condicionado ao espaço arquitetônico urbano onde ocorre todo o desempenho de sua atividade, na maioria das vezes, caótica. O que se apresenta é como restabelecer o equilíbrio harmonioso interrompido pelo enorme crescimento da cidade na coexistência da arquitetura, da natureza e do ser humano.

E, de acordo com o palestrante, a palavra mágica para isso é planejamento. Procura-se, por ela, corrigir as distorções históricas nos assentamentos humanos, cujas bases de sua sustentação, que são a natureza e a produção de bens dentro de um equilíbrio estável, foram ignoradas.

A palestra apresentou as tendências mais recentes da arquitetura no século 21 que estão assumindo uma postura criativa bastante significativa. Aspectos de preservação ambiental, redução de gastos energéticos, reciclagem de edifícios e proposta inovadora de conforto são temas que exemplificam o contexto da sustentabilidade na Arquitetura e Urbanismo, abrindo novos caminhos para garantir o pleno desenvolvimento do homem sem aviltar o meio ambiente, onde ocorre a relação humana.

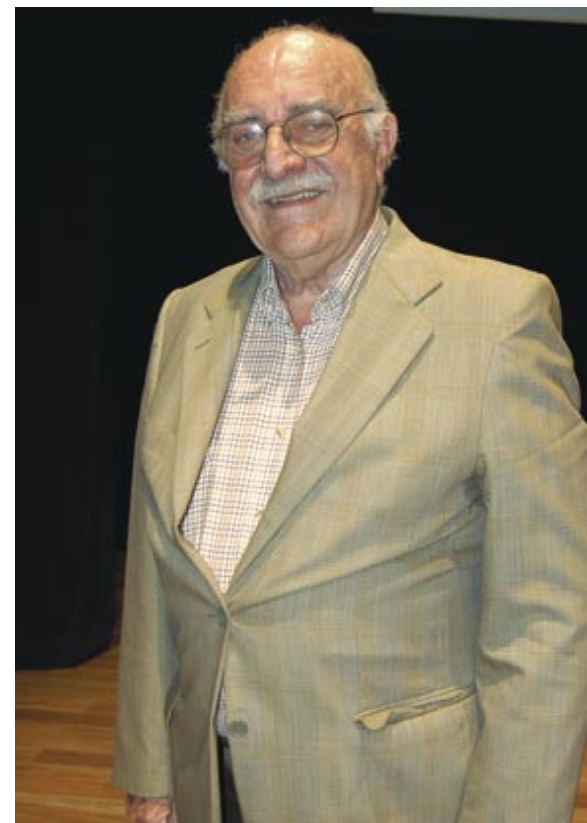
O professor Gasperini, para ilustrar suas idéias, apresentou imagens de dois edifícios que demonstram a vontade de mudança. Um deles é o Commertz Bank Headquarters, que exemplifica a preservação dos ambientes internos tirando partido da ventilação natural. Por articular algumas estruturas prismáticas geométricas

comuns, a partir do conceito básico, o efeito dos gastos energéticos é reduzido.

“Esse prédio é um ponto de referência para a mudança de mentalidade para a arquitetura do novo milênio, uma forma bastante simples de articular os elementos arquitetônicos que formam um edifício normal. A grande qualidade desse projeto feito pelos arquitetos do Norman Foster é, justamente, mostrar que existe essa possibilidade. A preocupação com a economia de gastos energéticos está mostrada nesse grande exemplo de arquitetura contemporânea do fim do século 20.”

O Guggenheim Bilbao, projetado por Frank Ghery, foi o outro edifício apresentado na palestra. Considerado uma das obras mais completas do século passado, abriu novas possibilidades para a pesquisa de edifícios mais eficientes e adequados, induzindo à procura por novas tecnologias que possam resolver aspectos arquitetônicos.

Outros trabalhos citados foram: Menara Mesianiaga, na Malásia, cuja cobertura absorve energia solar; Allianz Arena, em Munique, estádio preparado para a Copa do Mundo, com alternância de cores dependendo da hora do dia; Caltrans District 7 Headquarters, edifício de controle de tráfego de Los Angeles, com parede para sombrear a luz e, ao mesmo tempo, concentrar energia para o prédio; Holocaust Museum, em Jerusalém, um santuário para os mártires da perseguição nazista; Liauning Museum, na Áustria, construído de forma a acompanhar a curvatura da colina, com linhas suaves, sem agredir a natureza.



Arquiteto **Gian Carlo Gasperini**

Também mereceram destaque o edifício Jean Marie Tjibaou Cultural Centre, na Polinésia; o modelo de igreja Church of Year 2000; Valencia Opera House; Flyotel; Museum Frieder Burda; New Milan Trade Fair, de Maximiliano Fuksas; Private Residential Tower; Seattle Central Library; e Chinese Leaves Pavilion.

No Brasil, destacam-se: Atrium VII, em Fortaleza; Centro Urbano de Maringá; e o premiado E-Tower, em São Paulo. O Centro Universitário Senac é um exemplo brasileiro de obra que segue a idéia de reciclagem. Realizado pelo escritório de Gian Carlo Gasperini, o projeto adaptou uma antiga fábrica da Walita a seu novo propósito. ■

Carlos Tramontina fala sobre a cobertura eleitoral

Dia desses, um garotinho de apenas 10 anos se indagava, surpreso, em frente a um aparelho de televisão, sobre como podia haver alguém que já tivesse sido candidato à Presidência da República e que agora falasse: “Com barba ou sem barba, meu nome é...!” A estranheza daquela criança diante da cena mostrou realmente que, cada qual em seu lugar, escolas e veículos de comunicação estão atingindo seus objetivos maiores: formar e informar cidadãos.

A Universidade Paulista, alinhada com esse papel formador, recebeu para uma palestra, em seu teatro no *campus* Norte, o jornalista da Rede Globo Carlos Tramontina, apresentador do telejornal SPTV – 2ª Edição e editor-chefe do programa Antena Paulista. Com um sentimento de indignação muito semelhante ao daquele menino anônimo, Tramontina falou sobre o tema *Eleições: Consciência Eleitoral e Importância*

do Voto, com foco principal na cobertura jornalística da Rede Globo nas eleições para o pleito estadual de 2006. A palestra foi realizada pelo Sistema Multiensino e transmitida pela TV *Web* da UNIP graças a um convite feito a Carlos Tramontina por duas alunas do curso de Jornalismo da UNIP, *campus* Norte, Tatiana Duarte e Elizabeth Boas.

Na palestra...

“Deletem os políticos que não servem e dediquem um minuto de atenção para perceber aqueles que servem”, aconselhou Carlos Tramontina. Em um tom que mesclava a autoridade de um professor em sala de aula com a experiência de um jornalista avaliado por 28 anos de Rede Globo, o palestrante contou, inicialmente, que a cobertura jornalística eleitoral enfrenta inúmeros problemas por conta de uma lei que,

segundo ele, parece ter sido feita para privilegiar quem tem pouco a apresentar. Exemplificou sua queixa com a exigência que estabelece tempos iguais de cobertura televisiva para todos os candidatos majoritários, mesmo que não tenham a mesma importância política para o eleitorado: “Na cobertura do SPTV com os principais candidatos indicados pelas pesquisas, damos o mesmo tempo a todos, mas acontece que eles não têm o mesmo significado para o eleitor, e, se damos um tempo maior para um em relação ao tempo dos outros, eles vão à Justiça e ela lhes dá razão”, contou.

Imparcialidade na produção de matérias – dogma do Jornalismo – foi outro ponto enfatizado pelo âncora. Ele reforçou que, na Globo, a isenção é uma regra fundamental; não é emitido nenhum juízo de valor sobre as obras do candidato, há apenas o relato do fato em si, que é checado minuciosamente em fontes oficiais.

Para o pleito de 2006, a cobertura na Globo iniciou-se em 1º de agosto, envolvendo as emissoras próprias e as 119 afiliadas. Há uma equipe de profissionais que verifica, todos os dias, as fitas dos telejornais veiculados pelas emissoras a fim de saber se o “padrão Globo de jornalismo” está sendo seguido à risca, “para a cobertura ter um padrão de qualidade que não dê brecha para nenhum desvio jornalístico”, completa.

Sobre o foco da programação da cobertura eleitoral na Globo, Tramontina disse que ela inclui reportagens gerais, que tratam de questões metropolitanas, e de serviços, que instruem o eleitor sobre como votar. Séries especiais explicam quais as funções do governador, do senador e dos deputados, quais as diferenças entre

voto nulo e branco e a discussão de problemas do Estado, para que o eleitor vote da melhor maneira possível. O dia-a-dia dos candidatos majoritários também não deixa de ser retratado. Os cinco mais bem colocados nas pesquisas do Ibope (empresa fornecedora das pesquisas encomendadas pela Rede Globo) têm o mesmo tempo na cobertura, e os demais contam com um tempo menor, porém igual entre eles.

Além dos debates, há também as entrevistas realizadas no estúdio da emissora. Antes, na elaboração da pauta do que será perguntado ao candidato, a discussão é criteriosa para que o jornalismo não fique a serviço do candidato, mas sim do eleitorado. As trocas de ofensas entre candidatos não são veiculadas pela Rede Globo. Já as denúncias de irregularidades são somente levadas ao ar se forem frutos de investigação da emissora ou se puderem ser comprovadas, por investigação própria, que elas realmente têm fundamento, mas o denunciado tem sempre o direito de defesa.

Como eleitor, Carlos Tramontina desabafou: “Estou muito ansioso mais uma vez para votar, e na minha lista de candidatos não está nenhum mensaleiro e nenhum sanguessuga. Como votarmos em um sujeito que fala ‘Meu nome é ...!’?” Essa frase faz lembrar a reação da criança anônima apresentada no início do texto. Mesmo sem ter sequer noção da situação política do País, ela foi capaz de indignar-se, sem saber o que significa indignação. O destino da nação pode estar nas mãos de crianças como essa, que, amparadas com educação e informação de qualidade, poderão reverter o estado de caos, talvez até mesmo ocupando o cargo máximo da República. ■



Jornalista Carlos Tramontina

Projeto auxilia deficientes visuais e auditivos

Um dispositivo que auxilia deficientes visuais e auditivos na locomoção: esse é o trabalho de Iniciação Científica de Hélio Corrêa de Araújo, aluno do curso de Ciência da Computação do *campus* Indianópolis.

O projeto foi desenvolvido sob a orientação do professor Jair M. Abe e contou com as colaborações do Grupo de Lógica Paraconsistente e Inteligência Artificial da UNIP e do colega de curso de Hélio, Uanderson Celestino.

Hélio baseou-se na Lógica Paraconsistente, que permite trabalhar com dados em conflito, processando, assim, informações imprecisas ou mesmo

contraditórias de maneira direta.

Ela foi descoberta na década de 50 pelo brasileiro Milton Costa e difundida pelo professor Jair Abe, que formou, entre 1996 e 1997, o Grupo de Lógica Paraconsistente e Inteligência Artificial da UNIP, que conta com docentes de várias universidades do Brasil e de outros países.

O Grupo realizou diversas pesquisas na área de Engenharia da Produção e Biomedicina, incluindo semáforos inteligentes para pouso de aeronaves e pesquisas que, por meio de análise em reconhecimento de padrões, ajudam no diagnóstico da gagueira e do Alzheimer.

Objetivamente, o trabalho de

Iniciação Científica denominado Projeto Keller – em homenagem a Helen Adams Keller, escritora, conferencista, ativista social e deficiente visual e auditiva – trata-se de dois sensores de ultrassom, acoplados na altura do tórax do indivíduo, e de um microcontrolador e dois micromotores que alertam a pessoa da existência de obstáculos.

O alerta é transmitido por meio de vibrações táteis. Quando há um obstáculo do lado direito, por exemplo, o dispositivo avisa que se deve virar para a esquerda e seguir em frente e, se não existir obstáculo, o usuário é avisado que pode ir adiante.

Os sensores e micromotores são discretos e podem ser utilizados debaixo da roupa, o que faz da pesquisa, que teve apoio financeiro da Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UNIP, não somente uma contribuição científica relevante mundialmente, mas uma solução viável aos problemas de locomoção enfrentados por deficientes.

O Projeto Keller está em fase de aprimoramento, pois foi realizado, entre a Universidade Paulista e a Fundação Dorina Nowill para Cegos, um acordo de utilização e pesquisa a fim de desenvolver uma versão mais sofisticada do dispositivo. ■

UNIP é destaque na Fórmula SAE Brasil 2006



Integrantes da Equipe Fórmula UNIP 2006 e o protótipo FU 06

Os alunos do segundo ao nono semestres de Engenharia (*campus* Indianópolis), integrantes da Equipe Fórmula UNIP 2006, destacaram-se, entre mais nove equipes de cinco Estados, do Distrito Federal e da Venezuela, na disputa da terceira edição da competição Fórmula SAE Brasil 2006 (Society of Automotive Engineers), realizada na Base Aérea de Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro.

A razão do mérito fica por conta da apresentação do protótipo tipo Fórmula UNIP, o FU 06, a um seletivo grupo de jurados, que analisou os requintes altamente tecnológicos presentes no carro, classificando a equipe para o teste final chamado Enduro. O FU 06 possui sistema de telemetria, novo chassi, desenvolvimento de transmissão condizente com os parâmetros internacionais, ergonomia de primeira linha e sistema de rádio que permite a comunicação entre a equipe e o piloto no carro durante as provas.

Antes de competir no Campo dos Afonsos,

a equipe da UNIP, composta de 13 integrantes e orientada pelo professor Carlos Alberto Ferreira de Lima, não soube o que significa a palavra descanso. Os alunos dos cursos de Engenharia Elétrica, Mecânica e Mecatrônica, com participação especial do curso de Desenho Industrial, coordenado pela professora Mirna Arruda do Nascimento, dedicaram-se noite e dia para construir um carro que fosse aprovado nos exames teórico, estático e dinâmico.

Na avaliação teórica, os alunos tiveram de detalhar cada parte do carro ao corpo de juízes, para, posteriormente, passar por provas estáticas, que mediram a segurança do veículo. Em seguida, o carro foi testado em uma prova de arrancada e em uma de desempenho do freio. O FU 06 foi classificado, partindo, então, para o Enduro, cuja prova consistia em percorrer 30 voltas no menor tempo possível, sem que o veículo apresentasse qualquer tipo de problema, e com troca de piloto a cada 10 voltas. ■

São Paulo tem primeiro aquário temático do Brasil



Os paulistanos já podem contar com mais uma nova atração cultural. O Aquário de São Paulo, inaugurado em 7 de julho de 2006, dá a oportunidade a seus visitantes de conhecerem diversos tipos de ecossistemas aquáticos existentes no mundo.

O Aquário faz parte de um projeto pioneiro na cidade de São Paulo e fica em um complexo de 3.000 metros quadrados com diversas atrações, como o Vale dos Dinossauros, que traz réplicas mecânicas dos animais pré-históricos.

O próprio Aquário de São Paulo é subdividido em quatro partes: Rio Tietê, Selva Brasileira, Pantanal e Amazônia. Dessa forma, os visitantes podem conhecer a realidade de cada ambiente e suas características naturais, desmitificando,

por exemplo, a falta de vida do rio Tietê.

Outras duas atrações são o Museu, que contém um grande acervo de fósseis originais de peixes pré-históricos, com peças de até 110 milhões de anos, que possibilitam fazer a comparação com os peixes que existem hoje, e o Planetário, que exibe um verdadeiro espetáculo sobre astronomia.

A administração preocupa-se com a qualidade do serviço. Mesmo sendo um programa cultural novo, pretende sempre modernizar as apresentações com novos animais e mudanças no ambiente, dando ao público que o visita novas experiências sempre que retornar.

Além disso, já foram iniciadas as obras de ampliação do complexo.

A nova área deve estar disponível já em 2007 e contará, também, com o “Aqua Móvel”, que terá a finalidade de fazer visitas a escolas e centros sociais para levar o Aquário até as pessoas que não podem comparecer ao local.

O objetivo principal do Aquário de São Paulo é proporcionar conhecimento e entretenimento para o visitante por meio de visualização e compreensão de diversos ambientes aquáticos, e ainda compor o programa de manutenção e manejo dos animais, feito por profissionais especializados. ■

Aquário de São Paulo

Rua Huet Bacelar, 407 – Ipiranga. Funciona de quarta a domingo, das 10h às 18h. As entradas variam de R\$ 6,00 a R\$ 25,00. Para mais informações, entrar em contato pelo telefone 2273-5500.

Multi UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA

Editora Sol

diretora
Sandra Miessa
consultoria
Elisabete Brihy
editora
Wilma Ary
multimídia
Marcelo Souza

comunicação institucional
Marcus Vinicius Mathias
Melissa Larrabure

chefia de redação
Wilma Ary

reportagem
Fernanda Milani
Roberta Abrahão
Wilma Ary
Fábio Carvalho - estagiário
Juliana Tarifa - estagiária

revisão
Heloisa Helena Martins
Karen Wolf

diagramação
Fernanda Milani
arte e capa
Alexandre Ponzetto
Douglas de Moraes

fotolito
Homart